



Sudeste Asiático 1

Viajando para o outro lado do mundo

Acreditamos que somos da Sociedade Ocidental Cristã, quando sentimos o estranhamento decorrente de nos depararmos com fatos, informações, imagens, experiências que não somos capazes de decifrar, nem de longe.

É assim que me sinto dentro do avião da Ethiopian Air, cujo lema é o “O novo Espírito da África”. Olho para a frente e vejo a já conhecida frase escrita em inglês – *Fast seat belt while seated* – e logo acima em outra língua, que, além de eu não conhecer, está grafada em alfabeto que me é completamente estranho.



Não é o que utilizamos na parte oeste do mundo, não é o cirílico, adotado na Rússia, não é o grego, o chinês mandarim ou o árabe. Que troço é este?

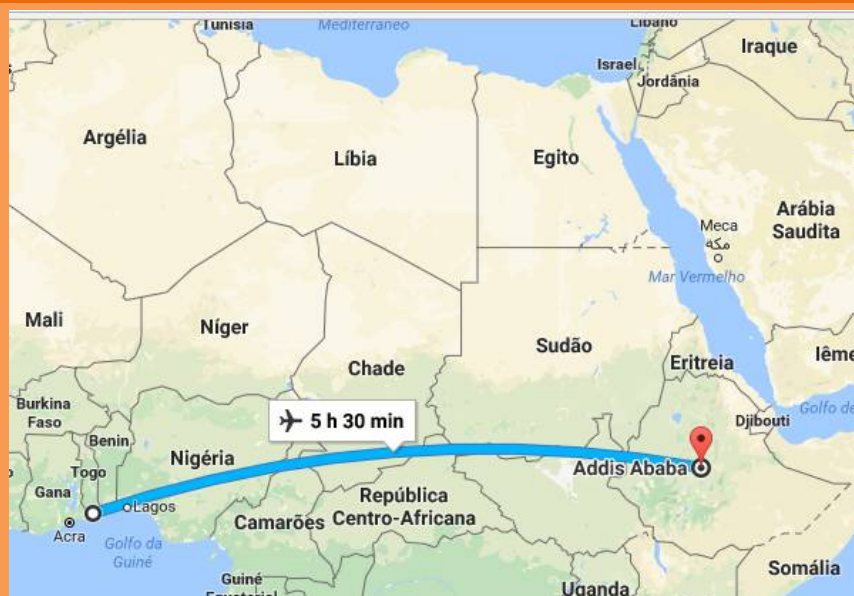
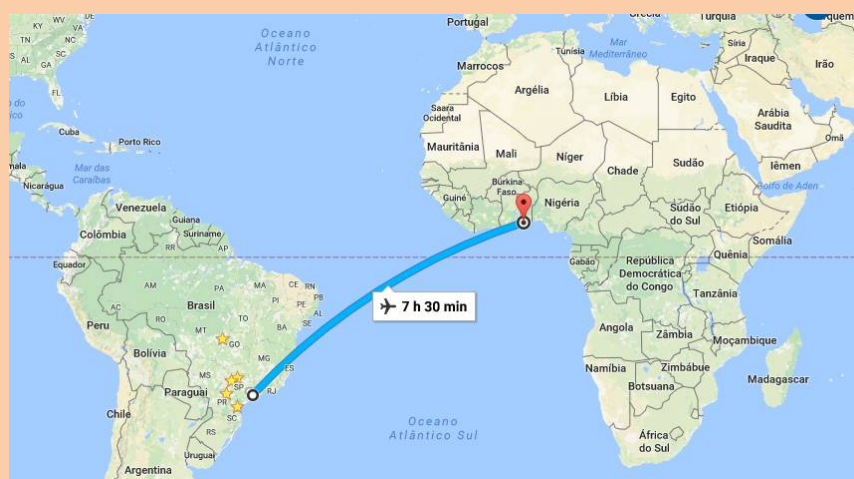
Já me sinto com aquele desconforto que acomete o turista [*Não sei mesmo nada deste mundo, eu que pensava que era sabida*], combinado com curiosidade [*Onde surgiu esta língua? Será que, na escola, as crianças aprendem, além deste, o “nosso” alfabeto?*], misturado com um pouco de ansiedade [*Será que vamos nos*

virar bem no Sudeste Asiático?]

Depois, olho no Google e vejo que se trata do alfabeto Ge'ez, que é também denominado etiópico, e é igualmente adotado nas línguas amárica e tigrina *[não me perguntem quem fala estas línguas...]*

A opção pela Ethiopian para chegar ao outro lado do mundo decorreu dos preços bem mais baratos desta empresa face às opções cuja conexão se faz em Dubai, ou mais longas em horas, como as realizadas por empresas europeias. Ficaremos 32 horas em deslocamento, entre vãos e esperas em aeroportos e, no momento em que começo esta capítulo do meu diário de viagem, ainda não cheguei nem na metade deste tempo *[Vai se uma pedreira!]*

O avião sai de São Paulo, pelo Aeroporto de Guarulhos, às 2h00 do dia 17 de janeiro de 2017, faz uma escala em Lomé, capital do Togo, na costa ocidental da África, para chegar a Adis Abeba, capital da Etiópia, já bem perto da Península Arábica. Lá tomamos outro avião para a Tailândia, onde vamos aterrisar em Bangcoc, para, mudando de empresa, tomar o voo da Vietnam Airlines com direção a Hanói, capital do país.



Expectativas são criadas, é claro, como ver, mesmo que de cima, como é Lomé, o que foi impossível porque a cidade nos parece envolta pela poluição do ar, pois o tom cinza da camada mostra que não poderia ser nenhum fenômeno meteorológico.

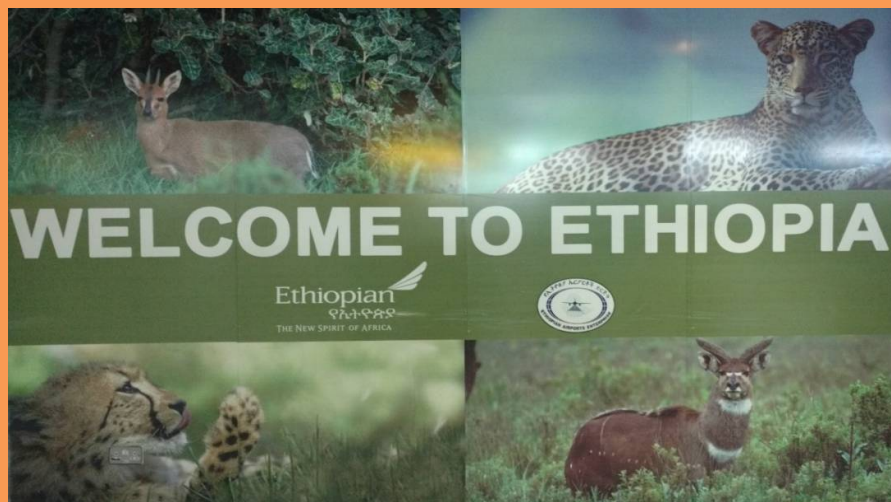
A tripulação mudou nesta escala, mas se manteve a presença do biótipo africano. As moças não são altas, mas têm uma pela linda e a que parece ser a chefe da turma veste uma espécie de túnica branca, enfeitada de um dos lados com um bordado em verde e amarelo *[tenho que verificar se são as cores da Etiópia ou saiu da cabeça do estilista que desenhou o traje]* numa espécie de chale que se sobrepõe.

Saindo de Lomé, sobrevoamos Lagos, capital da Nigéria, que é uma grande cidade. De novo, uma névoa de poluição impediu que tivéssemos uma visão do sítio urbano.

Olhando na pequena tela que serve meu banco no avião, vejo que passamos perto de Abuja, Garoua, Sarh e fico meio envergonhada de, como geógrafa, não saber a que países pertencem estas cidades.

[Tá legal, hoje eu sei que Geografia não existe para sabermos nomes de cidades e países, mas fui aluna de Dona Maria da Paixão, no Colégio Santa Amália, em São Paulo, da Liga das Senhoras Católicas Francesas, e, para ela, no quarto ano, não podia ter diploma do Curso Primário, quem não passasse no teste da localização das cidades. Não importa se a aula era de Matemática ou Religião, sem mais nem menos, ela se virava para a classe, dizia o nome de um de nós e perguntava rapidamente: "Onde se localiza Jacarta?". Foi esta exatamente a pergunta feita por ela, em 1965, que eu não soube responder, embora passasse parte das minhas tardes, tentando decorar cidades e países...]

A chegada a Adis Abeba foi um alívio, depois de 14 horas entre vôo e escala. Sair do avião, ter umas horas em chão firme para ir a um banheiro de verdade (bem não era bem de verdade), comer alguma coisa e bater um papo, para reclamar da cansaça da viagem foi alentador para o pequeno grupo de quatro amigos – dois casais – que resolveram conhecer juntos o Vietnã, o Camboja e a Tailândia. Sendo mais precisa, vamos conhecer apenas pedacinhos destes países.



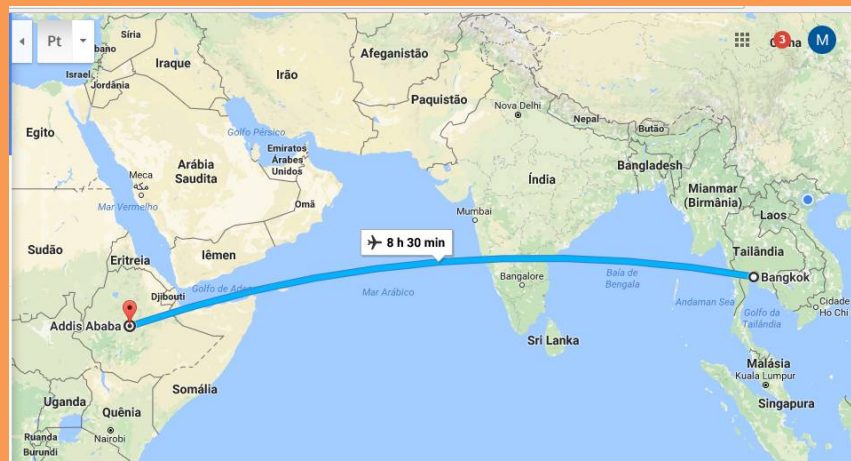
O aeroporto parecia grande, tendo em vista número de aviões de grande porte, a quantidade de tubos e a arquitetura moderna, mas, em suas salas de espera, vimos o quanto era pequeno para o número de aeronaves que ali se encontram. Parece que Adis Abeba, pela situação geográfica, vem se tornando um *hub* importante da aviação internacional. Havia gente de todo mundo – muitos eram indianos, vários chineses ou talvez de outros países do Sudeste Asiático, havia europeus, aqui e ali, ouviam-se vozes de latino-americanos, especialmente brasileiros. A infraestrutura do aeroporto fica aquém do movimento e não é suficiente para atender as demandas. Inúmeras placas informam que o ele está sendo ampliado e modernizado, mas, para que seja possível compreender como ele está atualmente deficitário, basta contar que há containeres dentro do prédio, adaptados para funcionar como banheiros.

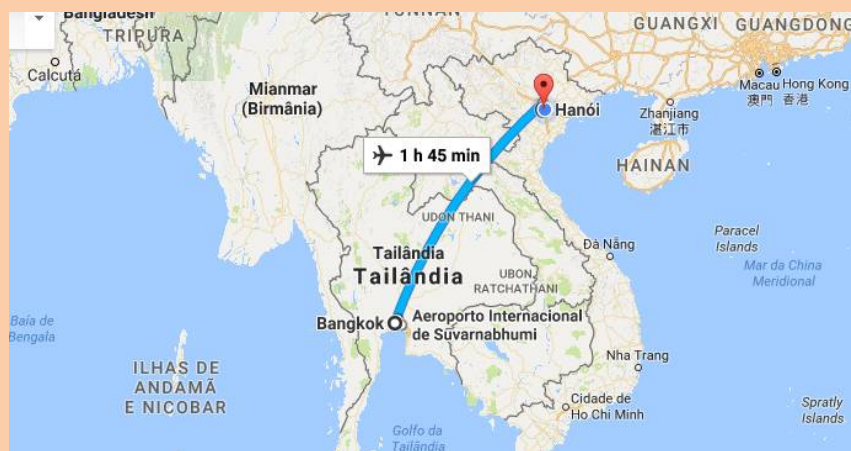


As marcas internacionais de eletrônicos, perfumes e cosméticos estão presentes em várias vitrines e painéis, mas há também lojas vendendo produtos típicos do país. O mundo é globalizado, mas nem tanto.

Retomamos a viagem, agora para realizar o trecho Adis Abeba a Bangcoc. Muda um pouco o perfil dos viajantes. Se no primeiro trecho, havia uma mescla de “negros” e “brancos”, com poucos “amarelos”, agora a coisa se inverte: os asiáticos predominam e ficamos um pouco mais conscientes da que o mundo não é a Sociedade Ocidental.

Para este percurso, o avião decolou mais ou menos, à uma hora da manhã na Etiópia já da quarta feira, dia 18 de janeiro, que corresponderia às 20 horas no Brasil, ainda da terça feira, dia 17 de janeiro.





Mais oito horas e meia, e colocamos os pés na Ásia, aterrissando em Bangcoc, um aeroporto grande e bem cuidado, onde enfrentamos a fila para atestar que somos vacinados de febre amarela, fizemos os trâmites de imigração, e esperávamos pegar as malas.



Cadê as malas? Procura numa esteira, na outra, pergunta para um e para outro. Nada de malas e estava se aproximando o horário do novo embarque, até que Renato olha o comprovante das bagagens e desconfia que foram despachadas diretamente para Hanói, nosso último destino.

Corremos ao balcão da empresa e era isso mesmo, mas o voo já estava fechado! Foi aí que atestamos a gentileza dos tailandêses, tão propagada nos textos dos guias de viagem.

O funcionário correu para fazer cartões de embarque especiais para passarmos pelo Raio-X usado pela tripulação e por diplomatas, esperou-nos do lado de dentro da sala de embarque, correu com a gente até o portão F e alguma coisa, onde nos estava outra funcionária da empresa para nos fazer chegar ao nosso destino.

Íamos meio correndo, meio andando rápido até alcançarmos o tubo, entrarmos no avião e acharmos que todos nos olhavam com aquela pergunta na mente: *Quem são estes quatro que atrasaram nossa decolagem?*

Sentamos aliviados e começamos a rir do embarque que quase não acontecia.

Mais uma hora e meia de avião, um almoço gostoso na Vietnam Airlines e, finalmente, ao aterrissar, passar por todas as barreiras e sairmos na sala de desembarque, encontramos alguém com aquela plaquinha que reconforta, depois de tanto cansaço. Puxa que alívio! O tal do receptivo estava lá, falando em espanhol macarrônico, e não éramos obrigados a resolver as coisas, num país onde todos se comunicam em vietnamita.



Agora sim parece que a viagem vai começar, pelo menos a parte gostosa dela, afinal quem acha bom ficar tantas horas em deslocamentos e conexões aéreas?

Cruzamos o Brasil, de São Paulo ao sul da Bahia, atravessamos o Oceano Atlântico, e a África Central, de oeste para leste, sobrevoamos um pedacinho do Oceano Índico e entramos na Ásia, passando por cima da Índia, ao sul de Mumbai, para chegar a esta parte do Mundo Oriental, que é a Indochina, mas falar dela fica para o próximo capítulo. Não, não é como novela da Rede Globo, em que se para a trama exatamente no ponto capaz de gerar mais suspense, mas me esforçar para vocês, leitores, ficarem fiéis à minha descrição da viagem, nunca é demais não é mesmo?

Carminha Beltrão

Fevereiro de 2017